

O círculo perfeito

Flávio Chaimowicz

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

– Pai, tem uns cara aí olhanu as gruna. Eu falei que podia levaêis ‘manhã, mais num vô podê porque vôtê qui levá a Kaitia prá vaciná. Cepó rompê cuês? Êsquei nas gruna grand’ e funda. Depois dualmôs eu n’controcês no açud’ e levo naquel mais funda.

– Qual cê fala?

– Aquel depois da cercqcê joga a pedra e ela custa a batê nufund.

Eram quase 8 da manhã quando estacionamos o carro em frente à casa do seu Belarmino. Ele manteve animada a conversa – por assim dizer – até o início da noite, quando nosso GPS já estava lotado de coordenadas de entradas de novas cavernas e o deixamos de volta, sedentos para comemorar com umas cervejas.

Alguém que passasse em frente àquela casinha simples, na esquina de um quarteirão na periferia de Descoberto, não seria capaz de imaginar o tesouro que se encontra lá dentro. A idade transparecia no grosso bigode grisalho, nas costeletas ralas e no pouco cabelo branco que o boné vermelho deixava escapar dos lados. Quem visse de longe aquele moreno baixo e forte subindo e descendo as trilhas pedregosas da Serra do Ramalho, sertão da Bahia, não acreditaria que ele tem 71 anos.

Uma hora depois, quando largamos o carro na porteira e colocamos as mochilas, seu facão assumiu a dianteira da fila. E desta posição só sairia no fim da tarde. A paisagem ali enchia os olhos. À nossa frente desfilavam os morrotes arredondados do alto da serra, cortados por vales de rios secos; a água por ali corre nos subterrâneos. Manchas de vegetação escura salpicavam o tapete amarelado de capim brilhante e destacavam uns afloramentos de calcário. Uma brisa leve balançava as folhas das palmeiras; só elas e os bandos verdes de maritacãs quebravam o silêncio que dominava todo o lugar. Ele planejou que desceríamos o vale até o córrego que entrava na gruna da fazenda do Chico Pernambuco. Dali nós iríamos



visitar as outras entradas. Já estava combinado: por hoje nada de explorar; o programa era aproveitar o guia e marcar com o GPS as coordenadas das entradas; depois voltaríamos àquela vastidão perdida e iríamos direto às cavernas.

Bem que eu tentei, mas seu Belarmino não gosta de ser fotografado.

“Quando minha filha vem para Descoberto fica querendo tirar fotos, mas eu não deixo. Fico parecendo bicho do mato.” E conclui. “Mas eu sou mesmo bicho do mato”. E enquanto fala empurra para os lados com as mãos e os pés moitas de capim de quase dois metros de altura.

Força ali não falta. Muito menos fôlego. “As onças daqui são mofinas, quase não comem. Já vi uma preta e uma pintada; eu queria ir num zoológico para ver uma de perto. As que eu vi estavam a uns 20 metros. Me falaram que no zoológico elas ficam atrás de uns ferros, e eu ia poder passar a mão.”

O sol da manhã começava a esquentar. Seguíamos uma trilha que só ele via, pisando duro o caminho que descia em meio ao capinzal seco. Deixamos para trás o céu azul claro e entramos no frescor da mata verde e alta, que lá embaixo iria bordejar o córrego. Seguimos o curso d’água um meio quilômetro, cada vez mais animados com o burburinho da água que crescia a cada afluente. Se o vale era fechado, aquela água tinha que entrar em algum lugar. E ele pulando de uma pedra a outra, de uma margem à outra, com a agilidade de uma onça mofina.

The Perfect Circle

A typical day searching for new caves at Serra do Ramalho, in the Brazilian state of Bahia, is herein described through the wanderings of a local guide, an elderly man. Using his singular knowledge of the whereabouts he leads the explorers through the bush and makes a perfect circle. New caves were found.

O córrego realmente entrou na Gruna do Chico Pernambuco, batizada naquela hora mesmo. Deixamos as mochilas para atravessar a lagoa da entrada. Seu Belarmino ficou por ali, acompanhando os capacetes iluminados sumirem no breu. Mundo subterrâneo; o ruído das cachoeiras ecoando na escuridão ressonava em nossa inquietação. A gruta era ampla. Logo a galeria dividiu-se em dois pequenos abismos para onde soprava um vento muito tênue. Ao sair – o sol fazendo brilhar nossas roupas encharcadas – comentamos com seu Belarmino que da próxima vez iríamos trazer cordas, e que estávamos muito animados pela presença de vento.

Voltamos pelo córrego e tomamos uma trilha que subia à direita. Andávamos na sombra da mata, pisando com as botas ainda molhadas um chão de folhas secas e gravetos que estalavam. “Já vi duas vezes, lá no baixo, no meio da noite. Uma bola de fogo que levanta e fica rodando. É um tipo de encanto. Dizem que é de um índio que estava carregando muito ouro e ficou doente no caminho. Quando ele viu que ia morrer, enterrou o ouro todo em uma gruna e cobriu com as pedras, depois morreu”.

Saímos da trilha novamente, desta vez para conferir um sumidouro seco, mas estava entupido com terra. Acima dele, outra entrada fechava após alguns metros e só nos rendeu formigas. Posando para uma foto ao lado de uma enorme barriguda ele dissertava: “essa é a barriguda lisa; tem também a barriguda com espinhos”. E falava das formigas: “a gente chama elas de correção; quando saem juntas, comem tudo o que há pela frente”. Então, Gruna da Correção; devidamente batizada e localizada no GPS.

Não andamos 400 metros e o facão do seu Belarmino mostrou realmente a que veio. O velho parrudo encarou sem medo a mata cerrada, fazendo um túnel de um metro de altura na galharia cinzenta, a conta certa de passarmos bem abaixados com as mochilas. Sem conseguir enxergar cinco metros à frente, a notícia de uma entrada grande se espalhou do começo ao fim da fila de quatro capacetes. O pórtico de 12 metros de altura só não provocou mais euforia porque uma respeitável colméia de abelhas guardava ao alto a entrada. Percebendo o cochicho dos visitantes Belarmino não perdeu tempo: “as europa não atacam se a gente ficar aqui embaixo; mas elas sabem se alguém tem medo, e aí atacam. Eu não tenho medo; já peguei mel demais. Depois parei; cansei de tomar ferroada. Às vezes o mel que eu tiro é tão pouco que não dá nem pra lamber. Preciso pegar dois litros pra uma mulher que me encomendou. Mas não é pra vender. Eu não vendo mel”. Enquanto discursava em alto e bom tom, Ezio, que já tinha descido para conferir, voltava com boas notícias: “Continua grande até um abismo. E tem vento”. O potencial animador era a chance de homenagem. Batizamos de Gruna do Seu Belarmino. Mas ele corrigiu: “rapaiz, todo mundo aqui me chama de Belô”. Gruna do Belô.

O dia estava rendendo, vamos à próxima entrada. Lília e César já começavam a sumir voltando pelo túnel de galhos, mas lendo o mapa da copas das árvores ele indicou outro caminho. Continuamos beirando o paredão de calcário, tomamos uma trilha apagada, subimos e depois começamos a descer uma encosta. Naquela densidade vegetal a progressão era lenta. O facão certo decepava sem remorsos; e sem exagero: somente os cipós e galhos que realmente pediam. A conversa – ainda mais afiada – era privilégio do segundo da fila; os outros três só

percebiam que à frente corria um papo animado: “Se tentarem tirar de mim algo que é meu, meu sangue chega a ferver”, confessou emocionado, concluindo um longo caso que não consegui ouvir – ou guardar.

Chegamos a uma pequena ravina que terminava em outro sumidouro seco. “Dizem que neste buraco já caiu uma mamota”. Conferi alguns metros gruta adentro até precisar rastejar em um local apertado, com rochas pontudas. Voltei com a boa notícia: “É estreito, mas tem vento”. A “Gruna da Mamota” mudou de nome quando descobrimos que *mamota* é um bezerro que ainda mama. Maior descoberta fez seu Belô, quando criou coragem de perguntar e finalmente entendeu o motivo da nossa satisfação com o vento: gruna com vento deve ter outra saída!

De volta ao mato. “Não sei se é pra riba ou pra baixo”. E depois de uns 2 segundos: “é pra baixo mesmo”. E zapt, tlin, zupt, cantava o facão laser.

“Ouvi dizer que é de um bicho que chama Meia-Noite, mas eu mesmo nunca vi”. Foi o comentário quando saímos da entradinha de 60 cm de altura, mostrando a ele as fezes secas que encontramos dentro de outra gruna. Gruna do Meia-Noite: cresce e continua ladeira abaixo, mas sem vento, para tristeza geral. Impossível achar aquela entradinha na meia-encosta, perdida no matagal, sem o facão com GPS do seu Belô. Facão com GPS sim, só podia ser. No final do dia, plotando todos os pontos no mapa, descobrimos que apesar das horas de caminhada cega no cerradão, ele desenhara um círculo perfeito para nos levar às entradas das cinco grunas.

Ao cair da tarde encontramos com Gilson no açude. Sentamos na sombra de eucaliptos antigos e altos. Belô se entretinha tirando pedrinhas da botina e arrumando as meias. O facão dormitava ao lado. Lá atrás a lagoa verde leitosa era rodeada por uma larga faixa de barro seco, tão pisoteado que quase dava para ver o gado que passara mais cedo por ali. Não aceitou o sanduíche de queijo com tomate que preparamos para ele. “Me dê só água; com água e café posso passar um dia inteirinho”. Mas gostou de comer a banana desidratada, que nunca tinha visto. Não sem antes tomar um susto quando, bem na hora da primeira mordida, brinquei dizendo que era uma lagarta.

A noite na Serra do Ramalho é tão estrelada que o céu tem profundidade. O frio cortante ignora todas as horas de sol seco e espinhento; chega disfarçado, se espalha e cobra agasalhos dos visitantes.

O farol do carro iluminava a estrada alaranjada de poeira e solavancos; pessoas mesmo só ao chegar às ruas calçadas de Descoberto, mas quase nenhuma. Passava um pouco de 8 da noite quando estacionamos em frente à casa do seu Belarmino. Sua esposa apareceu, trocamos uma prosa curta. Ao me despedir dele, agradecendo pelo dia maravilhoso, pude sentir como era cascuda a mão que comandava o facão. Mas as cervejas geladas nos esperavam impientemente. Quando o carro começou a se mover, pude ouvir da minha janela a voz do seu Belô perguntando para o filho:

– Sáb por que l’ás gruna tem vent?

– Por quê?

– É que és devde tê otra saída. Êsvão volta p’rà oiã.”

Le cercle parfait

Flávio Chaimowicz

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

– Dis p'pa, y'a des mecs dans le coin qui regardent les grottes. Je leur ai dit que je pouvais les conduire là-bas demain matin, mais je ne pourrai pas parce que je dois emmener Katia faire son vaccin. Tu peux y aller avec eux? Ils veulent aller dans les grottes grandes et profondes. Après le déjeuner je peux vous rejoindre au bord de l'étang et je les conduis à celle qui est plus profonde.

– Laquelle?

– Tu sais celle après la clôture, où quand on jette une pierre, elle met longtemps à atteindre le fond.

Il était presque 8 heures du matin quand nous avons arrêté la voiture devant la maison de "seu Belarmino". Il allait soutenir – pour ainsi dire – une conversation animée, jusqu'en début de soirée, quand notre GPS serait déjà rempli de coordonnées sur les entrées de nouvelles grottes. Assoiffés, nous l'avons laissé, parce que nous avons envie d'arroser notre arrivée avec quelques bières.

Si quelqu'un passait devant cette maison simple, au coin d'une rue de la périphérie de Descoberto, il ne pourrait pas imaginer une seconde quel trésor habite là-dedans. Sa grosse moustache grise, ses favoris clairsemés et le peu de cheveux grisâtres que sa casquette rouge laissait échapper des deux côtés trahissaient bien un peu son âge, mais ceux qui voyaient de loin ce petit homme brun et fort monter et descendre les sentiers rocailleux de la *Serra do Ramalho*, au sertão de Bahia, n'auraient jamais pu croire qu'il avait 76 ans.

Une heure plus tard, après avoir laissé la voiture près de la barrière et pris nos sacs à dos, nous nous sommes mis en route et sa machette a pris la tête de la file. Et il ne devait quitter cette position qu'en fin d'après-midi. Le paysage était merveilleux. Devant nous, défilaient les petites collines arrondies du haut de la serra, coupées par les vallées des rivières asséchées ; là, l'eau coule sous la terre. Les taches d'une végétation sombre parsemaient le tapis jaunâtre de l'herbe brillante et mettaient en relief quelques affleurements de calcaire. Une brise légère faisait onduler les feuilles des palmiers. Elles seules, et les bandes de *maritacas*, entrecoupaient le silence qui dominait toute la zone. "Seu Belarmino" avait prévu de descendre la vallée jusqu'au ruisseau qui entrainait dans la grotte de la ferme de Chico Pernambuco. De là, on irait visiter les autres entrées. On s'était mis d'accord : ce jour-là, pas d'exploration ; le programme c'était de profiter du guide et de signaler avec le GPS toutes les coordonnées des entrées ; on serait revenus plus tard dans cette immensité perdue et là, on serait allés directement aux grottes.

J'ai bien essayé, mais "seu Belarmino" n'aime vraiment pas se faire prendre en photo. "Quand ma fille vient à Descoberto elle veut prendre des photos mais je ne le lui permets pas. Je ressemble à une

bête sauvage." Et de conclure : "Mais je suis en effet une bête sauvage". Tout en parlant il repoussait des pieds et des mains des touffes d'herbe de presque deux mètres de haut.

Ce dont il ne manque pas c'est de force. Et moins encore de souffle. "Les jaguars ici sont chétifs, ils ne mangent presque pas. J'en ai déjà vu deux, l'un noir et l'autre moucheté. J'aimerais bien aller dans un zoo pour en voir un de près. Ceux que j'ai vus étaient à environ 20 mètres. On m'a dit qu'au zoo ils sont derrière des barreaux et que je pourrais les toucher de la main."

Le soleil du matin commençait à chauffer. Nous suivions un sentier que lui seul voyait et il marchait ferme sur le chemin qui descendait au milieu de l'herbe sèche. Nous avons laissé derrière nous le ciel bleu clair et nous sommes entrés dans la fraîcheur de la forêt verte et épaisse qui, là bas, bordait le ruisseau. Nous avons suivi le cours d'eau pendant un demi kilomètre, chaque fois plus enthousiasmés par le bruit de l'eau, qui s'amplifiait à chaque affluent. Si la vallée était fermée, l'eau devait forcément entrer quelque part. Et lui, il sautait d'une pierre à l'autre, d'une rive à l'autre, avec l'agilité d'un jaguar chétif.

Le ruisseau est entrainé effectivement dans la *Grua do Chico Pernambuco*, baptisée sur le champ. Nous avons laissés les sacs à dos pour traverser le lac de l'entrée. "Seu Belarmino" est resté dans le coin, en suivant des yeux les casques illuminés qui disparaissaient dans le noir. Ce monde souterrain et le bruit des cascades résonnant dans le noir répercutaient notre inquiétude. La grotte était vaste. Peu après, la galerie se séparait en deux petits abîmes d'où soufflait un vent léger. En sortant – le soleil faisait briller nos vêtements trempés – nous avons dit à "seu Belarmino" que la prochaine fois nous apporterions des cordes et que la présence du vent nous mettait en émoi.

Nous sommes revenus par le ruisseau et nous avons pris le sentier qui montait à droite. Nous marchions à l'ombre, dans la forêt, écrasant avec nos bottes encore mouillées des feuilles sèches et des brindilles qui craquaient. "Je l'ai déjà vu, en bas, dans les dépressions, au milieu de la nuit. Une boule de feu qui se lève et qui tourne. C'est une sorte

O Seu Belô.
Foto: Flávio
Chaimowicz



d'enchantement. On raconte que c'est un indien qui portait beaucoup d'or et qui est tombé malade sur le chemin et que quand il s'est aperçu qu'il allait mourir, il a enterré tout son or dans une grotte, il l'a recouverte de pierres et que tout de suite après, il est mort."

Nous avons quitté le sentier encore une fois, cette fois pour vérifier une perte, mais elle était bouchée par la terre. Un peu au-dessus, une autre entrée se bouchait après quelques mètres et ne nous a rapporté que des fourmis. Alors qu'il posait pour une photo à côté d'une *barriguda*¹, il dissertait: "Là, c'est une *barriguda* lisse, il y a aussi la *barriguda* épineuse." Et il parlait des fourmis: "On les appelle *correção*²; quand elles sortent ensemble, elles mangent tout ce qu'il y a devant elles". Donc, *Gruna da Correição*, dûment baptisée et repérée dans le GPS.

Nous avions à peine marché 400 mètres que la machette de "seu Belarmino" faisait déjà preuve de son utilité. Le vieux trapu a affronté sans peur la forêt et il s'est frayé un tunnel d'un mètre de haut dans la ramure grise, juste l'espace pour qu'on puisse passer bien baissés, avec les sacs à dos. On n'y voyait pas à cinq mètres devant nous et la nouvelle d'une grande entrée s'est répandue du début à la fin de la file des quatre casques. Le porche de 12 mètres de haut n'a pas suscité plus d'euphorie que ça parce qu'une respectable ruche d'abeilles gardait le haut de l'entrée. Se rendant compte des chuchotements des visiteurs, "seu Belarmino" n'a pas perdu de temps: "Les *Europa*³ n'attaquent pas si on reste ici, en bas. Mais elles sentent quand quelqu'un a peur et alors elles attaquent. Moi, je n'ai pas peur. J'ai déjà récolté trop de miel. Après j'ai arrêté, j'en avais marre de me faire piquer. Quelquefois la quantité de miel que je récolte est si minable qu'il n'y en a même pas assez pour qu'on la lèche. Je dois en récolter deux kilos pour une femme qui m'en a commandé. Mais ce n'est pas pour vendre. Je ne vends pas de miel." Pendant qu'il haranguait sa petite foule d'un ton fort et solennel, Ezio, qui était descendu pour vérifier, revenait avec de bonnes nouvelles: "Elle continue jusqu'à un grand gouffre. Et il y a du vent." C'était l'occasion de rendre hommage à notre animateur d'un jour et nous avons baptisée la grotte *Gruna do Seu Belarmino*. Mais ils nous ont corrigé: "Allez, tout le monde ici m'appelle Belô". Gruna do Belô donc.

La journée étant prometteuse, nous avons décidé de poursuivre vers l'entrée suivante. Lilia et César disparaissaient déjà sur le chemin de retour dans le tunnel de rameaux mais "seu Belarmino", en lisant sa propre carte sur les sommets des arbres, nous a indiqué un autre chemin. Nous avons continué à longer la paroi de calcaire, nous avons pris un sentier embusqué, nous sommes montés et puis nous avons commencé à descendre une pente. Dans cette densité végétale, on progressait lentement. La machette sûre coupait sans pitié mais sans abus: juste les lianes et les rameaux qui étaient vraiment nécessaires. La conversation – plus acerbe encore – était un privilège du deuxième de la file; les trois autres percevaient seulement un bavardage animé: "Si on veut me prendre quelque chose qui est à moi, mon sang ne fait qu'un tour" a-t-il avoué, ému, en conclusion d'un récit que je n'ai pas réussi à entendre – ou à me souvenir.

Nous sommes arrivés à un petit ravin qui aboutissait à une autre perte sèche. "On dit que dans ce trou une *mamota*⁴ est déjà tombée". J'ai exploré les premiers mètres à l'intérieur de la grotte jusqu'à un point où j'ai dû ramper dans un endroit étroit, aux rochers pointus. Je suis

revenu avec la bonne nouvelle: "C'est étroit mais il y a du vent." La "Gruna da Mamota (de la Marmotte) a changé de nom quand nous avons découvert que *mamota* désigne un petit veau pas encore sevré. La plus grande découverte c'est "seu Belô" qui l'a faite, quand il a enfin eu le courage de nous poser la question et qu'il a finalement compris la joie qu'on éprouvait en constatant qu'il y avait du vent: une grotte où il y a du vent doit forcément avoir une autre sortie!

De retour dans la forêt: "Je ne sais pas si c'est vers le haut ou vers le bas." Et deux secondes après: "C'est vers le bas en fait". Et couic, clac, zzz, chantait la machette laser.

"J'ai entendu parler d'une bête qui s'appelle Meia Noite (Minuit), mais moi-même je ne l'ai jamais vue." Tel a été son commentaire quand nous sommes sortis de la petite entrée de 60 mètres de haut et que lui avons montré les crottes sèches que nous avons trouvées dans une autre grotte. "Gruna da Meia-Noite": elle s'agrandit et continue vers le bas la pente, mais sans vent, pour la tristesse générale. Impossible de trouver cette petite entrée au milieu de la pente, sans la machette avec GPS de "seu Belô". Oui, machette avec GPS, ça ne pouvait être que ça. À la fin de la journée en traçant tous les points sur la carte, nous avons découvert que, malgré les heures de marche aveugle dans le *grand cerrado*⁵, il avait dessiné un cercle parfait pour nous conduire aux entrées des cinq grottes.

À la fin de l'après-midi, nous avons retrouvé Gilson près de l'étang. Nous nous sommes assis à l'ombre des grands eucalyptus centenaires. "Belô" s'amusait à enlever des cailloux de sa botte et à ajuster ses chaussettes. La machette somnait à ses côtés. Plus loin derrière, le lac d'un vert opaque était bordé d'une large bande de boue asséchée, si piétinée qu'on pouvait presque voir le bétail qui était passé par là plus tôt. Il n'a pas accepté le sandwich au fromage et à la tomate que nous lui avions préparé. "Donnez-moi juste de l'eau; avec de l'eau et du café je peux tenir toute une journée". Mais il a apprécié quand même la banane déshydratée, il n'en avait jamais vu. Juste avant, on lui avait fait peur au moment où il allait la mordre en lui disant que c'était une chenille.

La nuit est si étoilée à Serra do Ramalho que le ciel prend de la profondeur. Le froid piquant abroge toutes les heures de soleil sec et tapant; il arrive en embuscade, il se répand et requiert des vêtements chauds à qui s'y aventure.

Les phares de la voiture illuminaient la route orangée de poussière et de cahots; on a vu des gens seulement quand on est arrivés aux trottoirs de Descoberto, et encore. Il était un peu plus de 8 heures du soir quand nous nous sommes arrêtés devant la maison de "seu Belarmino". Sa femme est apparue, on a échangé quelques mots. Quand j'ai dit au revoir à "seu Belarmino", en le remerciant pour la merveilleuse journée, j'ai pu sentir l'incroyable épaisseur de cette main qui avait manié la machette toute la journée. Mais des bières fraîches nous attendaient impatiemment... Quand la voiture a redémarré, j'ai pu entendre la voix de "seu Belô" qui demandait à son fils:

– Tu sais ce que ça veut dire s'il y a du vent dans certaines grottes?

– Quoi?

– C'est qu'il doit forcément y avoir une autre sortie. Ils vont y retourner pour vérifier."

1 Ce mot, qui veut dire "pansu" est le nom populaire, dans certaines régions du Brésil de l'arbre "paineira", dont le nom scientifique est *Chorisia speciosa*. (NDT.)

2 On appelle en portugais "correção" une longue file de fourmis. Seu Belarmino a prononcé « correção ». (NDT.)

3 Nom par lequel sont connues au Brésil les abeilles d'origine européenne (*Apis mellifera*) (NDT.)

4 C'est la façon dont "seu Belarmino" a prononcé le mot. (NDT.)

5 Le "cerrado" est un type de végétation existant au Brésil. Il est connu aussi comme "savane brésilienne".